

“A norma não me comporta”: narrativas (auto)biográficas de um estudante transmasculino em formação docente

Michel Vincent de Oliveira Sampaio¹
Yanaêh Vasconcelos Mota²

Resumo: Este texto, de teor (auto)biográfico, visa destacar experiências de vida e perspectivas de um bacharel em Humanidades e, à época, licenciando em Sociologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. A partir da produção escrita de cartas, poemas e a realização de uma entrevista narrativa, ocorrida em 2021, busca-se imergir nas experiências de vida e formação da identidade transmasculina desde suas memórias escolares à sua presença na universidade e sua participação como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Palavras-chave: Transmasculinidade. (Auto)biografia. Educação.

¹ Graduado em bacharelado interdisciplinar em Humanidades e graduado em Licenciatura em Sociologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB); pós-graduando em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade na Escola de Saúde Nacional Sérgio Arouca (ENSP/Fiocruz). E-mail: michelvincentsampaio@gmail.com.

² Docente do curso de licenciatura em Música da Universidade Federal do Ceará (UFC/Sobral); Doutoranda em Música na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); mestra em música na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); licenciada em Música na Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: yanaeh.mota@ufc.br.

*[...] não sei o que estou fazendo aqui,
mas acho que tentando colocar pra fora
meus sentimentos mais profundos*

A citação que abre este texto foi extraída de uma carta escrita em 29 de novembro de 2019. Foi escrita pelo primeiro autor deste texto e endereçada a ele mesmo. Passados alguns anos, a carta e as reflexões que dela advêm se espalham em sua narrativa, em sua vida. Os não-ditos que não foram falados pela boca, escorreram para as mãos e, meses depois, os não-ditos se tornam ditos e afirmados por um homem trans ou transmasculino. Não se identifica com o gênero feminino, que lhe foi atribuído ao nascer, e que manifesta sua sexualidade enquanto pansexual, sem fazer restrições de identidades ou expressões de gênero. Ele é cearense, periférico, branco, estudante de universidade pública. Não há mais espaço para não-dizer, para calar, para silenciar.

O texto que aqui se inicia é um relato (auto)biográfico que visa destacar experiências de vida e perspectivas de um bacharel em Humanidades e, na época de sua escrita, licenciando em Sociologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Trata-se de um texto escrito de forma colaborativa, por um transmasculino e uma mulher cis. Do primeiro autor, advêm os poemas, as cartas, as memórias e a vontade de narrar a si mesmo. Da segunda autora, emergem a escuta, a vontade de aprender e se tornar uma aliada cada vez mais sensível às lutas e conquistas da comunidade trans.

Para a concretização da escrita, optamos por guiar-nos pela perspectiva (auto)biográfica, na qual a narrativa só acontece por meio da interação entre narrador e narratária. A partir das narrativas, é possível conduzir “a uma reflexão antropológica, ontológica e axiológica” (JOSSO, 2004, p. 285) de si e do mundo. Principalmente, em se tratando de narrativas trans, entendemos que a potência da

tomada da palavra pelas minorias *queer* é um advento não tanto pós-moderno como pós-humano: uma transformação na produção, na circulação dos discursos nas instituições modernas (da escola à família, passando pelo cinema ou pela arte) e uma mutação dos corpos (PRECIADO, 2011, p. 17).

Interessa-nos compartilhar essas narrativas (auto)biográficas, pois foi percebido que ainda há escassez na literatura que investigue experiências de estudantes e/ou professores transmasculinos (FRANCO; CICILLINI, 2016, p. 136). A escassez observada sobre as experiências transmasculinas na literatura parece refletir a “invisibilidade em relação a essa categoria, em especial quando comparada à transexualidade feminina” (PAMPLONA, 2017, p. 63), inclusive dentro do próprio movimento LGBTQIA+.

Em um estudo sobre a relação transmasculinidade e docência, Giseli Passos (2019), que entrevistou sete professores transmasculinos, atuantes em diferentes contextos³, observou que eles “evidenciaram o preconceito que sofreram ao escolher uma profissão que ainda é vista por muitos como feminina, porém por necessidade ou vontade encontraram na docência um caminho profissional para suas vidas” (PASSOS, 2019, p. 60-61). De maneira similar aos desafios colocados às vivências apresentadas por professoras trans* e travestis, os professores transmasculinos entrevistados por Passos (2019, p. 61) também enfrentam “[...] o não respeito ao nome social, o correto tratamento em relação ao seu gênero e a dificuldade no uso do banheiro [...]. Acrescenta-se a isso a dificuldade da inserção na carreira, exposição sem consentimento [...]”. Parte das discriminações sofridas por esses professores advém de seus pares ou da equipe pedagógica/diretiva (PASSOS, 2019, p. 79).

O estado do Ceará, onde o autor e a autora têm residência fixa, foi o estado brasileiro no qual mais pessoas trans foram assassinadas durante o ano de 2018 (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2019, p. 13). Em 2020, o Ceará ficou em segundo lugar neste ranking e, entre julho e agosto, nove assassinatos de pessoas trans e travestis

³ Educação básica, ensino superior, ensino técnico e cursos de idiomas.

foram registrados (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021, p. 34). Com a falta de dados específicos sobre a população transmasculina, pois “temos uma dificuldade maior no levantamento de dados, devido à invisibilidade” (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021), estima-se que, pelo menos, 80% da população transmasculina tenha concluído o ensino médio e “seja a maior parcela da população trans nos empregos formais, com índices superiores a 70%” (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021, p. 45). No entanto, estudantes transgêneros/transexuais representam apenas cerca de 0,1% do total de estudantes das instituições federais de ensino superior (ANDIFES, 2019, p. 51).

Narrativas (auto)biográficas: lugar de escuta, lugar de fala

O jogo estabelecido no diálogo pressupõe dois lugares: o lugar de fala e o de escuta. Longe de estabelecer hierarquias rígidas, o jogo que definimos para a escrita deste texto compreendeu a horizontalidade. As narrativas (auto)biográficas foram construídas a partir de três fontes: cartas, poemas e uma entrevista narrativa. Esses escritos (carta e poemas) foram elaborados entre novembro de 2019 e maio de 2021. As cartas e poemas refletem uma tentativa de desvelamento de si mesmo. Esse ato de escrever para si – em um primeiro momento – sobre si, remete à “escrevivência” de Conceição Evaristo: “jogo de palavras entre escrever, viver, escrever-se vendo e escrever vendo-se”⁴.

Para além das cartas e poemas, optamos por realizar uma entrevista narrativa em ambiente virtual. A entrevista narrativa ocorreu no dia 29 de maio de 2021, tendo sido foi registrada em áudio com duração de 3 horas e 10 minutos. Por causa da pandemia da COVID-19 e das recomendações de distanciamento social, o momento da entrevista narrativa ocorreu na plataforma on-line Google Meet.

⁴ ACAUAN, Ana Paula. “Esse lugar também é nosso”: Escritora Conceição Evaristo busca vaga na Academia Brasileira de Letras. *Revista PUCRS*. Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>. Acesso em: 29 mai. 2021.

Observamos que as narrativas orais nascem de um movimento duplo: primeiro para olhar para si mesmo, num ato de reflexão e, depois, para comunicar para a outra pessoa, num ato de partilha (PINEAU, 2006, p. 340), em um momento histórico. Por isso, a condução da entrevista narrativa buscou atentar à perspectiva (auto)biográfica, por entender a possibilidade de refletir sobre as trajetórias de vida e formação (SOUZA, 2007).

“Trajetórias de um corpo outsider”

Construção da identidade transmasculina

Começamos a imersão (auto)biográfica nas narrativas de Michel Sampaio, a partir de sua infância. Em uma carta escrita em maio de 2021. No texto, a infância dissidente é retratada, conforme segue:

No caminho da minha infância, lembro de alguns *flashes*. Por algum motivo, apaguei muita coisa, momentos que talvez tenham sido importantes. Lembro de ser uma criança tímida, calada, talvez introspectiva, mas com uma vontade de me soltar, de me abrir de alguma forma ao mundo. Porém, existia em mim um medo, ou vários medos, que não consigo dizer ao certo de onde vinham, mas era como um medo de errar, de ser julgado pelos colegas, o que na época era comum, devido aos *bullyings* que sofria.

Lembro de crescer muito sozinho. [...]

Na escola, eu não entendia muito bem porque me sentia tão diferente, não como alguém especial, mas como alguém que se diferenciava da maioria no modo externo e interno. [...] Lembro que no ensino básico, especificamente, 6ª série, eu estudava em uma escola pequena de bairro particular, e a moda da época era ter um diário. Toda “menina” tinha um diário. [...] Então, dentro desse contexto, comecei a ganhar dos meus pais, meus primeiros diários, onde escrevia não anseios, mas poesias, declarações de amizade, de amor, frases pequenas de autores diversos. Nesse tempo, ainda na 6ª série, tinha um rapaz muito bonito na sala, era o mais cobiçado. [...] Mas, o mais interessante é que hoje, vejo que não queria tê-lo como romance, eu queria ser como ele. Ter aquele corpo com traços e signos masculinizados e ser popular pela sua beleza “masculina” de um garoto jovem (SAMPAIO, 2021a).

Neste trecho, é possível perceber como o caminho para o contínuo autoconhecimento foi, desde a infância, permeado por conflitos, tais como o bullying, a sensação de “crescer muito sozinho” ou sentir-se “tão diferente”. Tal como demonstrado em Saleiro (2017, p. 156), é “[...] recorrente nas narrativas das pessoas trans a percepção [sic] de que eram notadas e estranhadas por não corresponderem às expectativas de gênero [sic], algumas logo no jardim-de-infância”.

A vontade de ter um corpo com “traços e signos masculinizados” indicam o desejo de expressar sua masculinidade. Essa expressão “não se revela tão problemática na medida em que o masculino é o referente universal” (SALEIRO, 2017, p. 157). No entanto, isso não livra o aluno de situações de bullying, comum à maioria das crianças percebidas como dissidentes da cisgeneridade, como é possível observar em outro trecho da mesma carta em que Michel escreveu sobre uma memória da adolescência. Essa memória marcou-lhe profundamente, pois aborda a descoberta daquela que foi sua identidade sexual por muitos anos: lésbica.

Recordando ainda sobre como comecei os primeiros escritos, lembro-me de, em determinado período da vida escolar, aproximadamente, em meus 13 ou 14 anos, comecei a trocar cartas com minhas colegas de sala. De modo especial, troquei cartas com uma amiga, a quem eu considerava melhor amiga, e de alguma maneira que até hoje não descobri, a carta foi parar em mãos “erradas”. Um rapaz que estudava conosco, decidi que eu era homossexual. Tendo ele lido os escritos, começou a soltar piadas em sala dizendo que tinha uma “sapatão” na sala. A carta, apesar de muito romantizada, e que hoje enxergo que eram meus primeiros sinais de uma sexualidade inconforme, era dedicada de “uma amiga” para outra amiga. Sentindo uma grande revolta, levantei. Era aula de Ciências e a professora escrevia a matéria na lousa, quando fui até a carteira desse garoto e dei vários socos, enquanto ele tentava se esquivar e parecia nada sentir, pois estava com um sorriso aberto. Enquanto, por dentro, minha revolta acabou transformando tudo em lágrimas. Como ele pode fazer isso? Revelar meus sentimentos e uma sexualidade que nem mesmo eu conhecia em mim, que ainda estava se construindo? Lembro de não saber até então o que era uma sapatão. Voltei pra minha carteira e chorei. Não assisti o fim da aula. Meu dia terminou na diretoria (SAMPAIO, 2021a).

A heteroidentificação que o colega de turma lhe fez como “homossexual” e o anúncio de que “tinha uma ‘sapatão’ na sala” pode indicar a confusão recorrente entre identidade de gênero e orientação sexual. Tal como afirmaram Rodrigues et al. (2019, p.4) “[...] somos vidas frágeis, bodes expiatórios do sistema sexo/gênero em seu desejo de manutenção de privilégios e hierarquias”. A violência em arrancar Michel do armário⁵ como “sapatão”, quando ele mesmo não sabia o que isso significava, reitera a vigilância sobre a sexualidade de outrem.

No início de sua fase adulta, identificando-se como mulher lésbica, Michel casou-se com outra mulher. Porém, a identidade lésbica dissolveu-se quando ele leu, em uma matéria de revista, sobre transmasculinidade e o processo de transição de um rapaz que estava em um relacionamento lésbico. Completamente identificado com a matéria de revista que lia e, ao começar a pensar em transicionar, Michel ouviu de sua ex-esposa que ela “deixaria de amá-lo”. Então, para evitar o término de seu relacionamento, Michel anulou a transgeneridade temporariamente de si. De acordo com ele, “a anulação de si é algo que acontece muito com pessoas LGBT, em geral. Porque, muitas vezes, você sai de casa, começa a namorar alguém como fuga, sabe? Para não passar por essas violências que a gente passa” (SAMPAIO, 2021b).

A (hetero)identificação primeira como lésbica/sapatão parece ser um ponto recorrente no processo de constituição da identidade transmasculina, tal como relatado nos processos de “travessia” de Paul B. Preciado (2019, p. 30) e de “trans-torno” de João Nery (2011, p. 42). A narrativa da (hetero)identificação de homens trans como lésbicas, de acordo com Rego (2017, p. 250), “constrói um percurso identitário, seja mostrando que em seu passado biográfico se vivenciou experiências publicamente como mulheres lésbicas, ou que assim se identificavam, desafia o entendimento corrente sobre identidade”. É válido destacar que há disputas entre a lesbianidade masculina e a

⁵ O armário é um dispositivo de regulação da (homo)sexualidade que se baseia na divisão binária hétero e homossexual. “Assumir-se” ou “sair do armário” se constrói como “um espaço epistemológico pesado, ocupado e conseqüente” (SEDGWICK, 2007, p. 35).

transmasculinidade (HALBERSTAM, 1998). Nessa disputa, “homens trans, que outrora vivenciaram experiências entre lésbicas feministas, foram vistos por essas enquanto mulheres que as traíram” (REGO, 2017, p. 257).

Em meados de 2014, Michel, que havia terminado o casamento, iniciou seu processo de transição de gênero com cortes de cabelo cada vez mais curtos. Segundo ele, “eu via, no cabelo curto, uma identidade que era muito mais masculina” (MICHEL, 2021b). Um ano depois, Michel começou a modificar o seu nome nas redes sociais:

comecei a colocar ‘Sampaio’ na frente e meu nome morto⁶, depois. Eu vi que isso acontece com meninos trans. Depois foi que eu decidi continuar com o mesmo significado do meu nome antigo e tirar só o ‘e’. Eu não sentia raiva do meu nome. [...] Aí, depois eu coloquei *Michel Sampaio* em todas as redes sociais (SAMPAIO, 2021b).

Os cortes de cabelo e as mudanças – progressivas – de nome nas redes sociais foram atos performativos de constituição da transmasculinidade de Michel. Os cortes de cabelo remetem à estética que parece ser um “demarcador” entre gêneros. Considerando que o “corpo-sexuado fala através das roupas, dos acessórios, das cores” (BENTO, 2017, p. 160), o cabelo curto adotado por Michel assume um indicador de sua masculinidade e possui um “papel importante para ajudar à compreensão dos mecanismos de produção de conflitos e da entrada no gênero identificado na experiência transexual” (BENTO, 2017, p. 165).

Em 2016, ingressou na Associação Cearense Transmasculina (ACETRANS). Na ACETRANS, Michel e seus colegas discutiam sobre o processo transexualizador e política. Neste mesmo período, Michel começou a hormonização com Deposteron⁷. O ingresso na ACETRANS fez parte do fortalecimento de sua identidade transmasculina. Assim como Ferrari (2006) apontou na constituição de sujeitos homossexuais em grupos gays, observamos que os grupos, como a ACETRANS, “representam um dos

⁶ Nome utilizado no registro de nascimento.

⁷ Solução injetável de base oleosa permitindo assim a liberação lenta da testosterona.

locais de possibilidade dessas construções” e contribuem para fortalecer a articulação entre discursos, saberes e poder na constituição” de seus integrantes.

Paralelo a suas incursões identitárias, Michel estudava no cursinho pré-vestibular Transpassando⁸ da Universidade Estadual do Ceará (UECE). No ano seguinte, em 2017, Michel ingressou na Unilab, campus Palmares, em Acarape, Ceará como aluno do curso de graduação Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU).

As relações com a Universidade: Olhe para mim de novo

A história do primeiro autor, Michel Vincent de Oliveira Sampaio, com a UNILAB remete a dois cursos: o primeiro curso de graduação, o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU), em 2017, e, em 2019, o ingresso no curso de Licenciatura em Sociologia, concluído em 2023. Ao ingressar na UNILAB, Michel afirmou que “me senti contemplado, no sentido de eu ser uma pessoa pobre [...]. E também me senti contemplado por ser uma universidade muito plural” (SAMPAIO, 2021b).

A pluralidade referida por Michel tem relação com a presença de pessoas que ali estão: “tem indígena de um lado, do outro, tem várias pessoas africanas, do outro, tem várias pessoas quilombolas, do outro você tem várias pessoas LGBTQIA+” (SAMPAIO, 2021b). No entanto, por se situar em uma cidade interiorana do estado do Ceará, Michel acredita que “no sentido de gênero e sexualidade, eu sinto que a UNILAB ainda está a passos de formiguinha” (SAMPAIO, 2021b). Sobre a questão transgênera, Michel, no entanto, afirma que “apesar de, na UNILAB, existir a palavra integração, muitas vezes essa integração não existe. [...] O que existe é uma interação”

⁸ Transpassando é um programa de Extensão da UECE dedicado à formação de travestis e pessoas transgêneras, pois possui como foco o curso pré-vestibular para ENEM e a formação profissional.

(SAMPAIO, 2021b). Ele disse ainda que percebe “que as pessoas ainda estão dentro de caixinhas muito binárias, tanto na sexualidade quanto de gênero também” (SAMPAIO, 2021b).

A percepção de Michel sobre a limitação da instituição em relação à pluralidade de gênero e sexualidade encontra eco na frustração de alguns/algumas discentes da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), ao observarem que “as experiências com a instituição não são positivas com todos os estudantes trans” (ROSA, 2020, p. 94).

Sobre seu período de ingresso na UNILAB, Michel escreveu Escritos em 01 de outubro de 2020:

Nasci e cresci em Fortaleza e chegando na Unilab em 2017, começo a enxergar a oportunidade de viver/ser Michel dignamente. Sem as opressões que a cisgeneridade normativa me causou. / Me disseram que para cada escolha, existem renúncias, mas sempre vi tanta injustiça nisso. / **Um caminho.** / Haveria outro? Me pergunto. / **UAU! Cheguei onde queria, esse é meu lugar!** / Pensei. / À primeira vista, Unilab é sempre encanto. / Integração, Interculturalidade, Inclusão. / Unilab é ímpar! / **Unilab me salvou!!!** / Grito. / Mas nem tudo é floreio, os espinhos vêm. / Há o que melhorar (SAMPAIO, 2020, grifos do autor).

Michel parece ter encontrado na UNILAB um espaço seguro para a construção de sua identidade transmasculina, no qual pôde existir dentro da pluralidade que observava ser presente. No BHU, questões sobre etnicidade e feminismo foram contempladas em sua formação, mas considerando questões do povo preto e, quando presentes, questões de gênero que consideram “apenas mulheres com vagina, por exemplo” (SAMPAIO, 2021b). Foi nesse apagamento de questões relativas à comunidade trans que Michel encontrou “espinhos” e observou os “passos de formiguinha” da universidade UNILAB em relação às discussões de gênero(s) e sexualidade(s).

Com o passar do tempo e com a possibilidade de interagir com outras pessoas no campus, Michel foi encontrando seus pares trans, como pessoas não-binárias e travestis.

Isso fez com que ele se encontrasse mais consigo mesmo. Ao se aproximar das pessoas trans do campus, Michel lembra que “existiam essas pessoas, mas não existia um movimento que fizesse com que essas pessoas se fortalecessem e ficassem unidas. Elas eram separadas, cada uma no seu canto, entendeu?” (SAMPAIO, 2021b). Com a experiência acumulada que Michel teve na ACETRANS, ele começou a se articular na universidade, participando de mesas redondas, rodas de conversa e a reivindicar publicamente a questão do nome social. Com isso, Michel percebeu que “algumas pessoas que, na época, não se identificavam como trans ainda se aproximaram de mim. Com essa aproximação, a gente se fortaleceu lá dentro” (SAMPAIO, 2021b).

Segundo Michel, foi nesse período que começaram a acontecer os encontros da União LGBT da UNILAB, que se mobilizou para a abertura de um edital de um processo seletivo específico para estudantes transexuais, travestis, pessoas não binárias e intersexuais para os cursos de graduação na UNILAB com 120 vagas ociosas para cursos de graduação nos campi do Ceará e da Bahia.

Michel lembra de toda a luta que foi para consolidar este edital. Ele conta que foi necessário entrar em contato com o colegiado de cada curso da UNILAB e catalogar as vagas ociosas. No entanto, alguns desafios apareceram até a consolidação e publicação do edital, como a não aderência de alguns cursos de Exatas e questionamentos feitos pelo reitor vigente sobre a importância do documento.

Tendo superado esses desafios, o edital foi consolidado e divulgado, inclusive em mídias de grande circulação, em julho de 2019. A notícia do edital chegou ao então presidente Bolsonaro que vetou o edital pelas redes sociais, em 16 de julho de 2019. O processo seletivo foi anulado pelo Parecer n. 81/2019, emitido pela Procuradoria Federal junto à UNILAB.

Michel conta que “fiquei muito abalado com o barramento do edital. Eu já tinha falado e incentivado várias pessoas trans a passar pela seleção, né? Muitas estavam super animadas, entendeu? Porque elas viram, nesse edital, a oportunidade de,

finalmente, conseguir entrar na universidade” (SAMPAIO, 2021b). Sobre essa situação, Michel escreveu

O edital das pessoas trans foi minha maior decepção. / Lágrimas não faltaram. / Lembrei de centenas de pessoas trans que, como eu, também poderiam ser “salvas”. Ou pelo menos, terem novos respiros. / [...] / **Mudar a Unilab!** / Como conseguir? / Quando o poder está nas mãos dos mesmos há muito tempo, a estrutura é mais difícil de romper. / Mas tô aqui, Nossas REexistências LGBTQIA+, principalmente T estão aqui, talvez lentamente quebrems essas correntes estruturais que nos cercam e oprimem. / **Que venham/sejam as transFORMADAS!** / DESEJO. / **Fui/sou construído, desconstruído, destruído!** / Mas até quem me destruiu, me construiu. / **Levo a vida com “rebeldia, resistência e amor!” (Daniela Vega⁹)** / Carrego essa frase onde vou (ou ela me carrega?) / **SOU POUCO DISSO TUDO.** / Que me faz muito (SAMPAIO, 2020, grifos do autor).

A partir da anulação do edital, deu-se início uma ocupação na universidade UNILAB, campus Redenção. No entanto, Michel afirma que “utilizaram o movimento para colocar outras pautas e as pautas trans, que eram as principais, começaram a ficar invisibilizadas” (SAMPAIO, 2021b). Ele lembra que “dentro da ocupação, aconteceram casos de transfobia. Como é que pode?” (SAMPAIO, 2021b). As transfobias que observou durante a ocupação da universidade revelaram todos os outros conflitos que existiam por lá.

No final de 2019, com seus amigos, amigas e amigues de gênero dissidentes, Michel articulou o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Literaturas e Imagem acerca das Transgeneridades (GELITRANS/UNILAB). Ele percebeu que todas as pessoas fundadoras são todas brancas e demonstrou muito incômodo com a questão racial. Sobre isso, Michel comenta que “é difícil pessoas trans entrarem na universidade, mas é mais difícil ainda uma pessoa trans preta entrar, entendeu?” (SAMPAIO, 2021b).

A interseção entre transgeneridade e negritude fica evidente quando se acentua a gravidade de opressões que operam pela transfobia e pelo racismo. Em corpos

⁹ Daniela Vega Hernández é uma atriz e cantora lírica chilena que ganhou notoriedade ao estrelar no filme “Una mujer fantástica”, de 2017. A citação faz referência ao livro escrito por Daniela, intitulado “Rebeldía, resistencia, amor” (VEGA, 2019), que retrata, numa linguagem poética, memórias de sua infância, juventude e vida adulta.

não-brancos, o cis-sexismo, presente em toda prática transfóbica, se aglutina, de forma estrutural e estruturante, ao racismo, de modo que corpos trans negros – bem como indígenas ou amarelos – sofrem múltipla discriminação. Essa interseção de opressões transforma a sobrevivência no espaço acadêmico em uma tarefa sofrida.

Nessa teia de opressão, vale a pena compreender melhor duas questões: a questão da transgeneridade, em especial a transmasculinidade, que parece ser periférica dentro do que se entende por “masculinidade”, pois esta se “utiliza da branquidade e da cis heterossexualidade para garantir uma supremacia incontestada de raça e de gênero que opera no sentido de silenciar as masculinidades ditas periféricas” (OLIVEIRA, 2020, p. 28) e a questão da negritude que “se afirma a partir da heterossexualidade hegemônica e a homossexualidade a partir da branquidade, o que contribui para a manutenção de uma masculinidade hegemônica branca e cis heterossexual” (OLIVEIRA, 2017, p. 94).

Quanto mais ia conhecendo a universidade, mais Michel percebia que a população trans que lá estudava estava isolada. Durante a Semana da Visibilidade Trans, em janeiro de 2020, ele observou que “organizar esse evento me fez perceber o quanto nós estamos sozinhos dentro da UNILAB, nós trans” e que é “nós por nós. Essa solidão acaba sobrecarregando muito a gente” (SAMPAIO, 2021b).

A partir da solidão observada e sentida das pessoas trans dentro da UNILAB, Michel diz que “nós somos muito subestimados, então é como se a gente precisasse se esforçar completamente” (SAMPAIO, 2021b). Sobre a relação com docentes, ele disse perceber que “existem dois extremos: alguns professores vão subestimar, alguns professores vão superestimar. E essa ‘superestimação’ ela vem por conta da diferença, por eu ser uma pessoa trans. Eu percebo que tem muita expectativa em cima de mim” (SAMPAIO, 2021b).

Michel analisa essa expectativa extrema sobre sua capacidade como uma transfobia velada, pois percebe ser “tratado diferente por ser diferente” (SAMPAIO, 2021b). No entanto, alguns casos de transfobia já lhe aconteceram, como os problemas

que teve, em sala de aula, em questões administrativas e em eventos, em relação ao uso do nome social. Michel também percebe que alguns colegas e professores não reconhecem sua identidade de gênero ou o ridicularizam pelo uso que ele mesmo faz da linguagem neutra. Outras pessoas, quando não o tratam com indiferença, tratam-no com piadas.

Sobre a transfobia institucionalizada e praticada no cotidiano da universidade, Rosa (2020, p. 121) afirma que “é essencial e urgente a sensibilização de professores e técnicos, a fim de que saibam diferenciar a piada e a violência”, por meio da desnaturalização de práticas LGBTfóbicas, racistas e machistas.

3.3 Iniciando a docência na pele que habito

No curso de Licenciatura em Sociologia, Michel, como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UNILAB), experimentou a oportunidade de participar de atividades relacionadas ao ensino de sociologia na escola. Mesmo em contexto de Ensino Remoto Emergencial (ERE), ocasionado pela pandemia da COVID-19, Michel percebeu alguns impasses da transgeneridade na sala de aula. Michel contou que algumas vezes prefere não ligar a câmera para evitar constrangimentos. Segundo ele, “em uma escola do interior [do Ceará], onde a gente sabe que as informações chegam de forma diferente, no sentido de que, muitas vezes, o racismo, a transfobia, a LGBTfobia é muito mais enraizada nas cidades pequenas”. Nesse contexto interiorano, Michel se preocupa com a percepção sobre seu corpo trans e relata que “me gera medo até de falar, às vezes, durante as experiências que eu tenho lá” (SAMPAIO, 2021b). O medo de aparecer em vídeo ou falar na aula on-line, pode indicar que “a presença da professora trans [e do professor trans] na escola desestabiliza os princípios hegemônicos da heteronormatividade” (FRANCO, 2014, p. 208) amplamente produzidos e reproduzidos em contexto escolar.

Certa vez, no PIBID, Michel sofreu “transfobia velada”, a mesma que ele observa em docentes que lhe superestimam. Na ocasião, uma professora perguntou por

que ele não era tão “eficiente” quanto o outro aluno bolsista. Sobre isso, Michel conta que “eu não quero ser como ele, eu quero ser eu, e fazer meu trabalho [...] Temos singularidades diferentes e jamais deveria haver comparações, porque isso instiga competição e eu não preciso sentir essa pressão de ser melhor e excepcional em tudo, não sou sobrehumano” (SAMPAIO, 2021b).

Considerações Finais

Buscamos destacar algumas experiências e perspectivas de um bacharel em Humanidades e, na época da escrita deste relato, licenciando em Sociologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Após a partilha de relatos, poemas e cartas sobre a trajetória de vida e de contextos desafiadores na vida de Michel, lançamos uma pergunta: não seria basilar considerar experiências de pessoas trans e suas vozes dissidentes em espaços de formação, tal como a escola e a universidade? Não seria essa uma primeira etapa para uma efetiva transformação social? Sobre isso, Michel responde que “a transformação vai acontecer do indivíduo para a sociedade. Então, enquanto cada pessoa não tomar consciência, essas questões todas não vão mudar. Enquanto a gente manter a intolerância, a gente não vai mudar a realidade” (SAMPAIO, 2021b).

Entendemos que a presença de corpos trans em espaços de formação são desestabilizadores das tradições cisheteronormativas. Dessa feita, a transgressão às normas do gênero binário incitam uma série de debates que consideramos necessários, tais como: a compreensão ampla de gênero(s) e sexualidade(s). Na universidade, o corpo transmasculino de Michel pareceu ser, ao mesmo tempo, estranho e potência. Estranho, porque, como observado por ele mesmo, “no sentido de gênero e sexualidade, eu sinto que a UNILAB ainda está a passos de formiguinha” e “que as pessoas ainda estão dentro de caixinhas muito binárias, tanto na sexualidade quanto de gênero

também” (SAMPAIO, 2021b). Potência, porque, o corpo dissidente possibilitou o encontro com outrem, desencadeando novas formas de convívio humano.

Encerramos o texto com a vontade de continuar essa conversa, pois acreditamos que corpos trans precisam ocupar espaços de (trans)formação. Suas vozes, suas perspectivas e suas ideias sobre o mundo precisam ser consideradas não só para as possíveis ressignificações de gênero e sexualidade, mas, sobretudo, nos enfrentamentos epistemológicos e políticos.

Referências

- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES - 2018. Disponível em: <<http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconômico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2020.
- BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara Naidier Bonfim. **Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. Brasília: Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2021.
- BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018**. Brasília: Associação Nacional de Travestis e Transexuais, Instituto Brasileiro Trans de Educação, 2019.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo - Sexualidade e gênero na experiência transexual**. Salvador: Devires, 2017.
- FERRARI, Anderson. A “bicha banheirão” e o “homossexual militante”: grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual. *In: 29ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*. Anais... ANPED: Poços de Caldas, 2006.
- FRANCO, Neil. **Professoras Trans Brasileiras: Ressignificações De Gênero E De Sexualidades No Contexto Escolar**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- FRANCO, Neil; CICILLINI, Graça Aparecida. Travestis, transexuais e transgêneros na escola: um estado da arte. **Cap. Pes.**, v. 23, n. 2, p. 122-137, 2016.
- HALBERSTAM, Judith. Transgender Butch: Butch/FTM border wars and the masculine continuum. **GLQ: a Journal of Lesbian and Gay Studies**, v. 4, n. 2, p. 287-310, 1998.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **Nem ao centro, nem à margem: corpos que escapam às normas de raça e de gênero**. Simões Filho: Editora Devires, 2020.

- OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação.** 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- PAMPLONA, Renata Silva. **Pedagogias de gênero em narrativas sobre transmasculinidades.** 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- PASSOS, Giseli Cristina dos. **Homens (trans) docentes: transmasculinidades na educação.** 2019. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.
- PRECIADO, Beatriz. Multidões queer : notas para uma política dos “ anormais ”. **Estudos Feministas**, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 11–20, 2011.
- PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano.** Rio de Janeiro: Zahar, 2019.
- PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. São Paulo, **Educação e Pesquisa**, v. 32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006.
- REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva do. “Presos na teoria errada” entre mulheres, “bofinhos” e homens trans. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, n. 16, p. 232–267, 2017.
- RODRIGUES, Alexsandro *et al.* Precárias experiências em dissidências: crianças que não cabem em si. **Pro-Posições**, v. 30, p. 1–21, 2019.
- ROSA, Karen Susan Silva Pitinga da. **Políticas Públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no ensino superior: Um estudo de caso da Universidade Federal Da Integração Latino-Americana.** 2020. [s. l.], 2020.
- SALEIRO, Sandra Palma. Diversidade de gênero na infância e educação: contributos para uma escola sensível ao (trans)gênero. **ex aequo**, [s. l.], n. 36, p. 77–98, 2017.
- SAMPAIO. Michel Vincent de Oliveira. **Carta.** 29 nov. 2019.
- SAMPAIO. Michel Vincent de Oliveira. **Escritos.** 1 out. 2020a.
- SAMPAIO. Michel Vincent de Oliveira. Fragmentos - corpo perdido. **Poema.** 2020b.
- SAMPAIO. Michel Vincent de Oliveira. A norma não me comporta: Trajetórias de um corpo outsider. **Carta.** Mai. 2021a.
- SAMPAIO. Michel Vincent de Oliveira. **Entrevista concedida à Co-autora do trabalho.** 29 mai. 2021b.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19–54, 2007.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, história de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI; Tânia Maria (orgs.). **Memória e formação de professores**, Salvador: EDUFBA, 2007. p. 59-74.
- VEGA, Daniela. **Rebeldía, resistencia, amor.** Santiago: Planeta Chile, 2019.

“The norm doesn’t fit on me”: (auto)biographical narratives of a transmale student in teacher training

Abstract: This text of (auto)biographical content aims to highlight life experiences and perspectives of a transmale student who is undergraduate in Humanities and undergraduate in Sociology at the Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira From the written production as letters, poems and the

realization of a narrative interview, which took place in 2021, we seek to immerse in his life experiences and the formation of his transmasculine identity from his school memories to his presence at the university, and his participation as scholarship holder of the Programa de Iniciação à Docência (PIBID).

Keywords: Transmasculinity. (Auto)biography. Education.

Recebido: 05/11/2022

Aceito: 21/03/2023